

"Mergulhar em um assunto, é algo que exige sensibilidade e entrega. O processo de escolha do tema vem de uma trajetória de ligação com aquilo que toca meu coração, da forma mais profunda, que é a criança e sua infância. Isso, devido a diversos fatores, um deles, por ser o período no qual o ser humano se encontra no mais sincero estado de pureza e indefensabilidade. Você leitor se lembra da sua infância? ah, eu espero que sim! Posso dizer que a minha foi como deve ser, minha maior preocupação era brincar. fui feliz. espero que você também tenha memórias lindas dessa fase. Aqui, infelizmente, vamos falar de crianças que não tiveram a mesma sorte que eu e você."

Trecho carta ao leitor.

Ao falar do mundo das crianças e adolescentes, em primeiro momento, é pensado na pureza, fragilidade e descobertas diárias. É o desenvolver-se até a chegada da fase adulta, no qual, é compreendida a sua total autonomia enquanto indivíduo dentro de uma sociedade. Quando existe uma fissura nesse processo, a infância deixa de ser vivida, o remendar-se é um conflito diário entre a dor e a vontade de ser criança. A exploração e abuso sexual é entendido como uma enorme fissura que inúmeras crianças tentam cicatrizar ao longo de uma vida, ocasionado, por uma sociedade cheia de falhas ao longo de sua construção. Entender a criança e adolescente a partir de uma perspectiva de indivíduo com direitos, é uma batalha constante entre a realidade do Brasil e o que deve ser cumprido, que está determinado no papel. Temos fundações, políticas de proteção infantil, estatutos, campanhas, ONG'S, que são fundamentais e fazem sim diferença, porém, é como "nadar contra uma enorme corrente", que é mostrado em dados e estatísticas sobre a realidade que vive esse público.



Imagem 2

É nesse sentido que a arquitetura e urbanismo pode funcionar para além de volumes, paredes, construção, mas sim, como uma peça dessa engrenagem que acredita em outro futuro para a infância, diferente do que é vivido hoje. Nesse contexto, a arquitetura é também um agente transformador capaz de acrescentar em diversos temas, sendo nesse trabalho, no cenário da exploração e abuso sexual de crianças e adolescentes.

Vivemos em uma sociedade em que **quatro crianças de 13 anos são estupradas por hora no Brasil** (secretária de segurança pública, 2018), sendo eles **73% dos casos de abuso acontece dentro de casa** (Fonte: ONDH) e **40% o criminoso é o pai ou padrasto** (fonte: ONDH)

Temos uma população com cerca de 53 milhões de crianças e adolescente (Fonte: IBGE) e todo o ano são **500 mil casos de exploração sexual infantil no Brasil** (Segundo a Childhood Brasil). Infelizmente a nossa sociedade tende a normaliza esse crime, pois segundo o projeto MAPEAR, **72% das pessoas que presenciam o crime**, escolhem não fazer nada, não denunciar. O levantamento teórico sobre o tema não tem intenção de afirmar que o crime acontece somente em uma classe social específica, mas fica claro que em outras camadas sociais isso não é tão ventilado, então, nesse perspectiva, conseguimos falar com mais propriedade de um desses cenários, tendo acesso, por exemplo, a informação que **no Brasil existe 132 mil crianças e adolescentes que são "chefes de família"** (Fonte: IBGE) ou seja, responsáveis pelo lar.



Imagem 3

No país, **o termo mais pesquisado em sites de pornografia é "novinha"** (Segundo a the economist), ou seja, a objetificação e desumanização está intrínseca na nossa cultura ao longo de todo processo histórico. O cenário é de naturalização da violência, sendo mulher ou criança.

SOBRE A EXPLORAÇÃO E ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES:

O QUE PODEMOS FAZER AGORA?



Imagem 1



Imagem 4

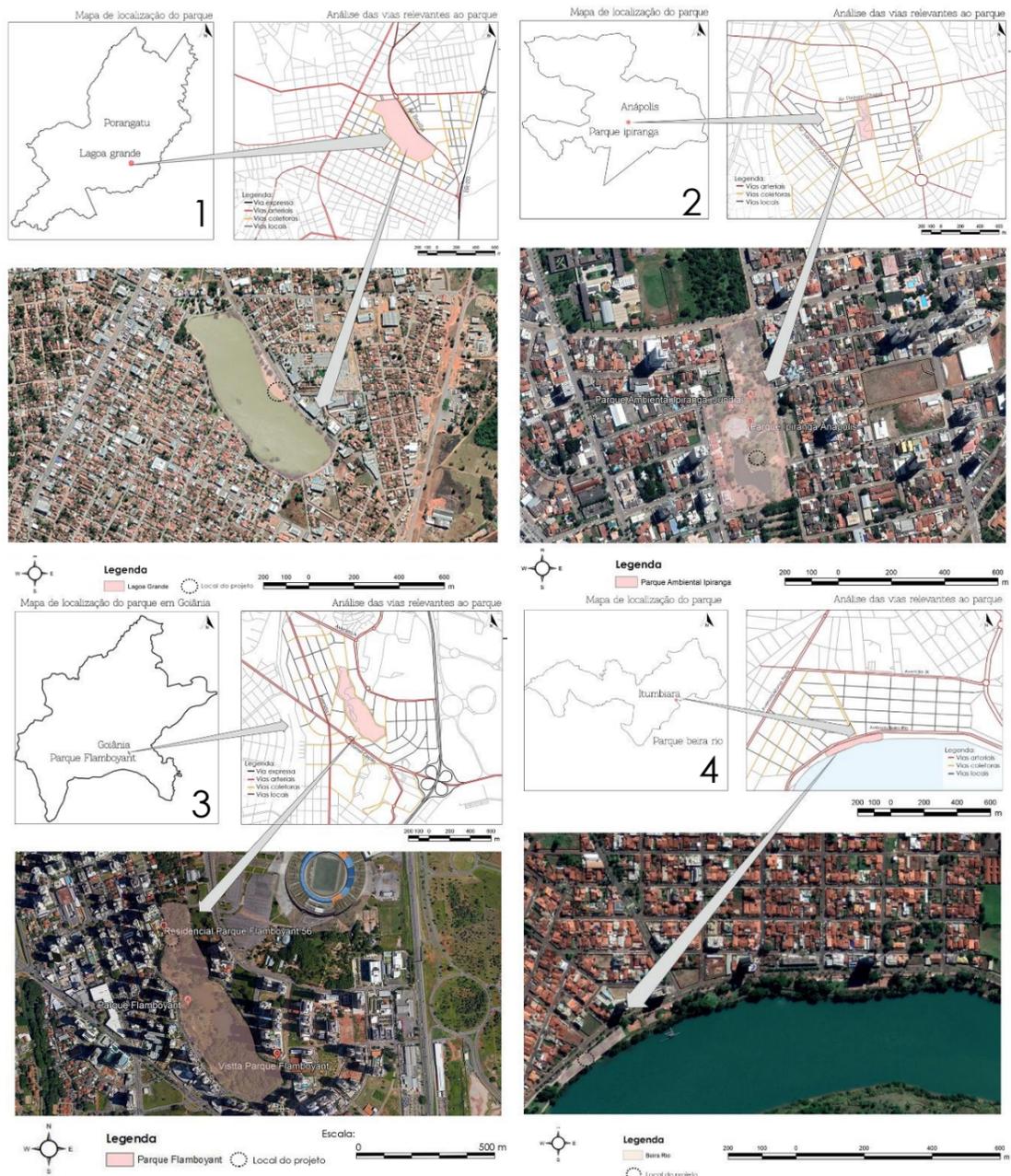
Fonte imagem 1 2 3 e 4: pixalay.com

CONTEÚDO DA PRANCHA:

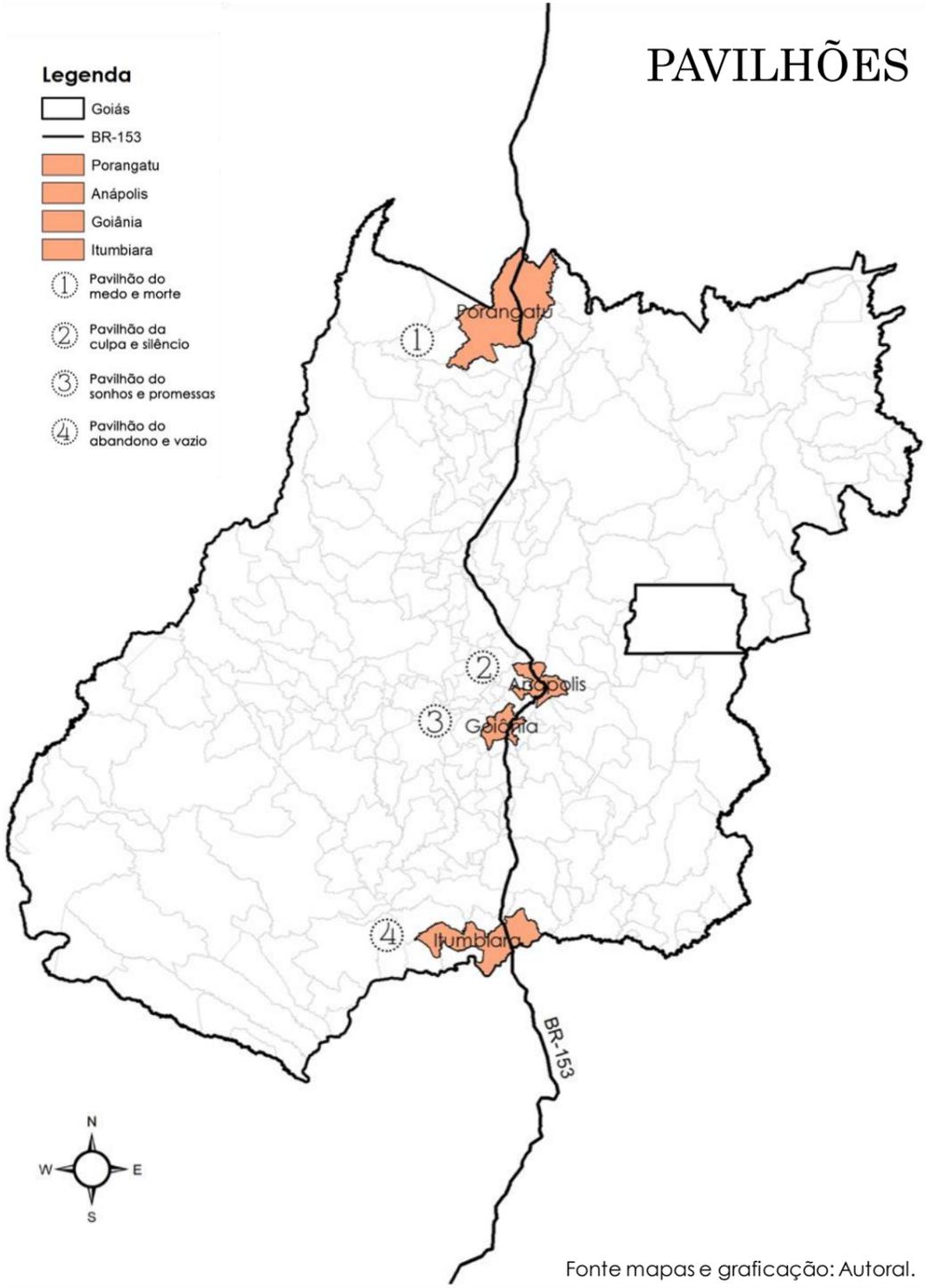
- Embasamento teórico
- Levantamento de dados
- Definição do tema

FOLHA:

1/6



Nessa perspectiva, a partir de levantamentos de dados foi compreendido a situação dessas crianças e adolescentes no Brasil e principalmente em Goiás, local onde pretende-se realizar a intervenção arquitetônica. A intenção é trabalhar dentro de uma realidade específica, e por consequência, conseguir identificar qual local indica vulnerabilidade para o crime acontecer. No nosso caso, o local não era um terreno ou bairro específico, mas sim todo o Estado de Goiás que é considerado o 2º Estado do Brasil com o maior número de pontos críticos a exploração sexual de crianças e adolescentes, segundo estudo do projeto MAPEAR 2017/2018, levantamento mais atual feito devido a pandemia. Simultaneamente, foi entendido que apesar do abuso ser outro tipo de violência, os mesmos possuem relações e vínculos que devem ser considerados para conseguir atuar, de fato, nesse cenário. Nesse sentido, foram selecionados 4 municípios (Porangatu – Pavilhão do medo e morte, Anápolis – Pavilhão da culpa e silêncio, Goiânia – Pavilhão do sonhos e promessas, Itumbiara – pavilhão do abandono e vazio, respectivamente) e o espaço público mais frequentado destes, para funcionar como “ pontos nodais” do tema . Os Pavilhões tem a intenção de ser um espaço que as pessoas vão saber, sentir, refletir e questionar sobre o problema, como uma maneira de falar sobre aquilo que é silenciado e normalizado. Acredita-se que só será possível mudar essa realidade, se proporcionarmos um espaço de diálogo, e que, de certa forma, “escancare” o que acontece hoje.



- Legenda de imagens:
- (1) Porangatu – Pavilhão do medo e morte. Fonte: Autoral
 - (2) Anápolis – Pavilhão da culpa e silêncio. Fonte: Autoral
 - (3) Goiânia – Pavilhão do sonhos e promessas. Fonte: Autoral
 - (4) Itumbiara – pavilhão do abandono e vazio. Fonte: Autoral

CONTEÚDO DA PRANCHA:

- Estudo do lugar
- Inserção das intervenções

FOLHA:

2/6

O pavilhão MEDO E MORTE, foi criado a partir do estudo teórico e também entrevistas com profissionais que possuem contato direto com a vítima. Como os outros pavilhões, cada um deles aborda uma temática específica, porém, todos falam sobre a vítima e a sua dor. Neste pavilhão, trazemos o sentimento de medo e morte, frases como, "Ele disse que ia matar a minha família se eu contasse pra alguém." é a realidade diária de muitas crianças vítimas de abuso e/ou exploração que vivem um verdadeiro pesadelo. Além disso, no pavilhão do medo e da morte, localizado em Porangatu (Goiás) na orla da lagoa grande, teve outra ferramenta utilizada para desenvolver o projeto, que foi o próprio entorno. O local apresenta equipamentos de lazer para crianças e adolescentes, como quadras e pista de skate, dessa forma, trazemos a cobertura do pavilhão como um equipamento para o lugar que já possui tal característica. A cobertura, vem com a proposta de ser um brinquedo de escalada com água, sendo previsto o suporte de equipamentos de segurança para a utilização do mesmo. No intervalo entre eles, foi pensado em rasgos que levam iluminação natural para dentro do volume com o auxílio de vegetação rasteira e água para propor canteiros verdes. A respeito da materialidade desse espaço, foi escolhido a junção do aço corten e dois tons de concreto, a proposta é que o pavilhão se modifique com o passar do tempo. Os materiais utilizados em todos os pavilhões não se cristalizam no tempo. O uso do aço corten está ligado a característica do próprio material, que é melhorar a sua resistência após a corozão da superfície, com isso, faremos uma relação com a resiliência e força da vítima, já o concreto é a pedra líquida, a rocha e o seu peso visual, o peso da dor.



Dentro do pavilhão, a proposta é contar a história da vítima. Os painéis de aço corten funcionam como murais e oferecem a possibilidade de escrita nos mesmos, eles são engastados a laje a partir de um suporte, e isso, por sua vez, permite que os mesmos fiquem elevados do chão, o que traz leveza ao espaço. O seixo, usado com um rasgo abaixo do pavilhão, acrescenta a proposta, por demarcar e compor o local. Tais painéis funcionam como um "quadro negro" para que sejam transformados em testemunho da dor dessas vítimas quando as mesmas optarem por escrever no local, como uma forma de acolhimento com as frases deixadas pelo visitante e também como um modo de encorajamento para aqueles que lerem e se identificarem com o mesmo sofrimento.



IMPLANTAÇÃO

0 40 80



PLANTA DE PISO

0 10 20



PLANTA DE VEGETAÇÃO

0 10 20



PLANTA TÉRREO

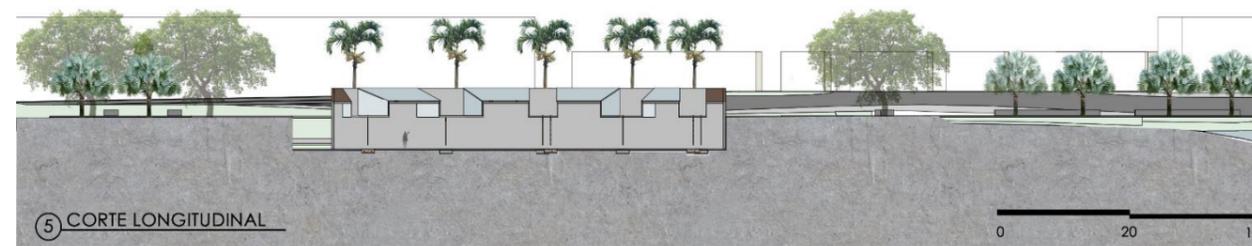
0 5 10



INTERVENÇÃO 01
PAVILHÃO MEDO E MORTE

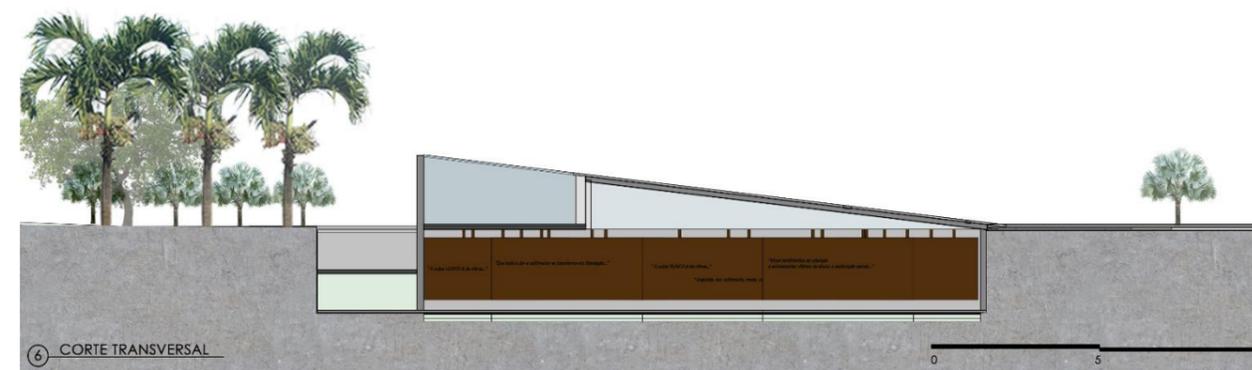
"Ele disse que ia matar a minha família se eu contasse pra alguém."

O paisagismo, assim como em todas as intervenções projetuais, funciona também como espaços de resignificação da dor. Ao falarmos de algo tão dolorido, é necessário pensar em como trazer um certo conforto e acolhimento às vítimas a partir do ambiente e também dos espaços externos.



5 CORTE LONGITUDINAL

0 20 10



6 CORTE TRANSVERSAL

0 5 10

CONTEÚDO DA PRANCHA:

- Intervenção 1 – Pavilhão medo e morte (Porangatu – Go)
- Conceito
- Desenhos técnicos
- Imagens da proposta

FOLHA:

3/6

Localizado em Anápolis (Goiás), no parque Ipiranga, o pavilhão da CULPA E SILÊNCIO foi utilizado placas de alumínio espelhado para remeter a dor da criança e do adolescente que não conseguem enxergar a culpa no criminoso; toda a situação de abuso e exploração segue em um ciclo contínuo em seu psicológico de autculpa e também revitimização, que é sentir o sofrimento de forma repetida e diversas vezes. Os reflexos tentam mostrar o peso que pode existir por trás do silêncio de uma criança/adolescente. Desse modo, de um lado dessa placa de alumínio serão escritas falas de crianças e adolescentes que foram abusados e/ou explorados, identificado a partir do estudo teórico. Oposto a essas frases, serão colocados contornos de silhueta humana com a escala da criança, para gerar um sentimento de identificação nesse público, o " ele/a é como eu" e também para remeter a todas as vítimas. O pavilhão da culpa e silêncio se diferencia dos demais em sua proposta formal, afim de levantarmos a pauta da sedução do aliciador, que não é algo retilíneo, mas sim algo que envolve e caminha de maneira sinuosa para opressão e violência, nem sempre física. É sobre a vítima estar em uma situação de violência, nem sempre clara para a mesma. A sinuosidade da forma mostra que não tem um começo e nem um fim claro. Em relação a disposição interna, o pavilhão possui painéis que hora são fixos para oferecer estrutura a cobertura e em outros momentos são giratórias, oferecendo uma constante mudança da forma do pavilhão a partir do seu uso dos visitantes.



IMPLANTAÇÃO 0 50 100



PLANTA DE PISO 0 10 20



PLANTA DE VEGETAÇÃO 0 10 20



PLANTA TÉRREO 0 5 10



"Eu sou a culpada de tudo isso. Eu fiz algo de errado."

INTERVENÇÃO 02 PAVILHÃO CULPA E SILÊNCIO



5 CORTE LONGITUDINAL 0 10 20



6 CORTE TRANSVERSAL 0 10 20

A proposta de revitalização do playground, pretende desenvolver a criatividade das crianças com brinquedos, como: barra, elevações no piso e hastes, para que a criança possa desenvolver brincadeiras de maneira livre, com o intuito de romper com o "parquinho tradicional". Esses equipamentos seguem o mesmo tom do concreto do piso, porém possuem uma plastificação para que o criança possa escorregar, brincar e interagir de formas mais livres e de modo seguro com o brinquedo. Nesse sentido, a cor laranja da barra que destoa do restante tem intenção de remeter a identidade visual, que também possui a cor alaranjada, do combate a exploração e abuso sexual de crianças e adolescentes.

ANEXO I

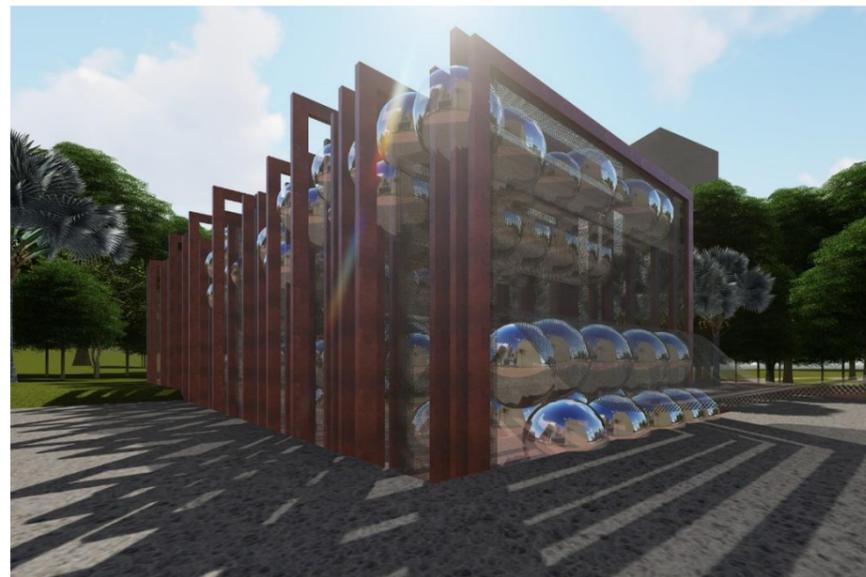


CONTEÚDO DA PRANCHA:
 • Intervenção 2 – Pavilhão culpa e silêncio (Anápolis – Go)
 • Conceito
 • Desenhos técnicos
 • Imagens da proposta

FOLHA:
 4/6

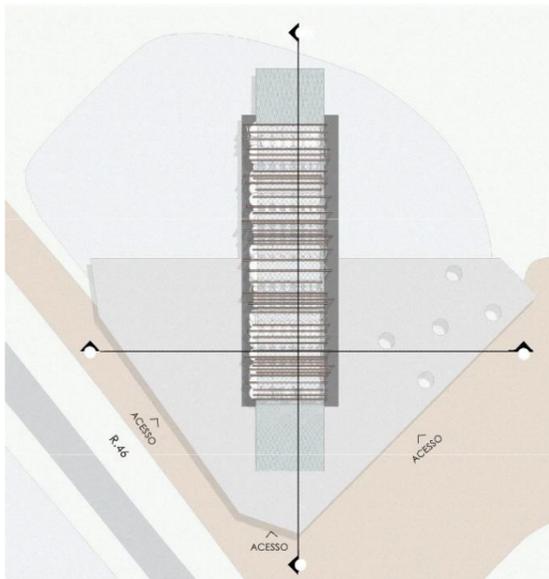
O pavilhão dos sonhos e promessas é baseado na pureza da criança e do adolescente. Será abordado como o autor da violência desfruta disso para conseguir aquilo que deseja. Ademais, também busca alertar em como essa cultura influencia na proliferação do crime. Nesse cenário, vamos dialogar e expressar a pureza da vítima que acredita, de fato, na palavra do adulto e na promessa de realizar o seu sonho, se for feito aquilo que o mesmo pedir. A pesquisa teórica feita a partir de entrevista com assistente social de Goiânia, que cuida e tem contato próximo com as vítimas, nos possibilitou ouvir frases dilacerantes, como "com o dinheiro que aquele moço me deu, comprei a minha primeira Barbie." relatado por essas crianças/adolescentes vítimas do crime.

Sobre a forma essa pretende concretizar o pensamento conceitual geral, que é a fluidez e ludicidade. Desse modo, foram utilizados planos seriados com dimensão de 10x20, que possui diferentes alturas e movimentações para representar tal ideia, e ao mesmo tempo, funcionar como algo que pudesse conter as bolhas, no primeiro momento. Em relação a implantação, o volume está inserido no sentido diagonal do terreno para apresentar uma visão perspectivada tanto para a avenida, quanto para os pedestres que caminham no calçadão já existente no local, Goiânia Go - parque flamboyant.



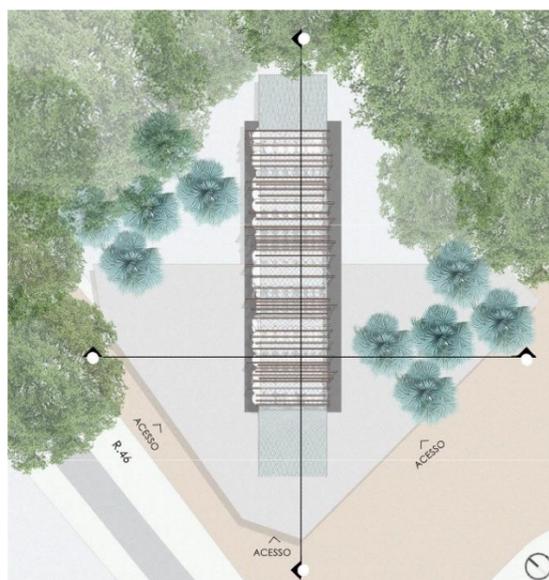
IMPLANTAÇÃO

0 20 40



PLANTA DE PISO

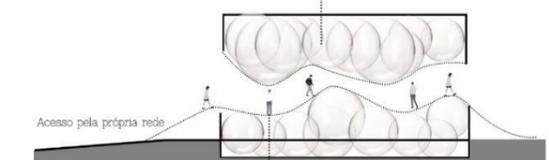
0 10 20



PLANTA DE VEGETAÇÃO

0 10 20

O uso das bolhas infláveis permite que a rede se molde de acordo com o caminhar das pessoas pelo pavilhão



CORTE ESQUEMÁTICO DA PROPOSTA

uso da rede para circulação menos rígida para reafirmar o fluido e lúdico



INTERVENÇÃO 03

PAVILHÃO SONHOS E PROMESSAS

Sobre a materialidade, o pavilhão é composto por hastes que possui acabamento em aço corten responsável por todo o ritmo do proposto no pavilhão. As bolhas infláveis cumpre o papel de representar uma permeabilidade visual de todos os ângulos, além de reforçar o lúdico, proposta principal do pavilhão. Para a contenção dessas bolhas, foi utilizado a rede em todas as laterais e parte superior do pavilhão, responsável também por possibilitar a circulação principal interna de uma extremidade a outra do pavilhão. Além disso, a intenção é as extremidade iniciais e finais da rede seja fixadas ao chão .



O piso de concreto tem a intenção de representar uma grande laje que realça e "solta" o volume da grama e também pretende não competir com a forma do pavilhão, dando suporte ao seu destaque. Os diâmetros inseridos na parte lateral direita são para que possa ser plantado a bismarckia vegetação que compõe o paisagismo.

CONTEÚDO DA PRANCHA:

- Intervenção 3 – Pavilhão sonhos e promessas (Goiânia – Go)
- Conceito
- Desenhos técnicos
- Imagens da proposta

FOLHA:

5/6

No pavilhão do abandono e vazio o volume rígido tem a proposta de materializar o peso que tem a dor da vítima, apresentando uma proposta formal mais robusta e que possa ainda sim ligar-se com a ideia de lajes em fita do paisagismo. Nesse local, Itumbiara (GO) no parque beira rio, a intenção da proposta paisagística é também trazer a resignificação da dor tanto para a vítima, quanto para as pessoas, já que o tema gera impacto e peso para ambos. A natureza tem a força de causar essa sensação, a mistura da água e do verde pode "abraçar" as pessoas, o resignificar na paisagem pretende envolver a dor que o tema causa. O local de intervenção, Beira Rio, possibilitou previamente todas essas potencialidades. Sendo assim, reforçar o verde do lugar utilizando uma vegetação de marcação alongada, no qual mostra o novo e também respeita o existente. A grande extensão do Rio Paranaíba também faz parte do projeto a partir do muro da própria topografia existente e das lajes que flutuam sob a lâmina d'água, o que oferece caminhos e espaços de permanência acolhedores.



Na parte interna do pavilhão, o conceito é reforçado a partir de alguns elementos. A passarela em malha de aço pretende causar uma insegurança e instabilidade no usuário, assim como se sente a vítima. Já a chuva nas laterais tem intenção de causar barulho constante na edificação, e remeter a questão da vítima não ser ouvida e compreendida na maioria dos casos. O rasgo na laje com o aspecto de viga aparente foi realizado para que a água entre no pavilhão em dias chuvosos. A vegetação alta colocada como um guarda corpo em toda extensão do caminhar da cota superior impossibilita que esse rasgo seja acessado.



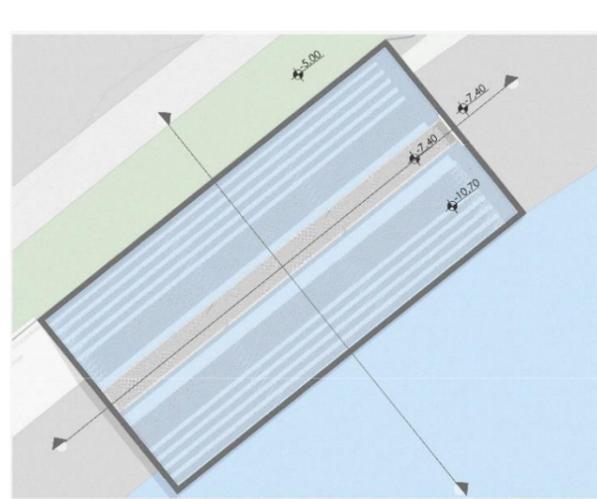
IMPLANTAÇÃO



PLANTA DE PISO



PLANTA DE VEGETAÇÃO



PLANTA TÉRREO

INTERVENÇÃO 04
PAVILHÃO ABANDONO E VAZIO

"Fui expulsa de casa porque virei a vergonha da minha família"



A respeito da materialidade, o pavilhão é composto por aço corten e por lajes por concreto. A circulação acontece em duas possibilidades de acesso, através de rampas da cota superior até o nível da primeira laje. O ritmo de deslocamento de altura entre as lajes é de no máximo 40 cm. A acessibilidade entre elas ocorre por meio de rampas laterais com inclinação máxima de 5%. Desse modo, é possível oferecer um caminho acessível em ambos os acessos. A proposta é que o visitante ao acessar um local, tenha que passar dentro do pavilhão para viver a experiência proposta antes de seguir o percurso.



"Encolher para entrar, significa lembrar a escala da criança, se conectar com a história e também com os sentimentos dessas vítimas"

A entrada do pavilhão pretende, assim como está dito no letreiro informativo, que o visitante tenha um primeiro impacto sobre o assunto que está sendo falado. A porta no aço corten possui dimensões de 1,80x1,80cm, altura na qual impossibilita que um adulto entre de forma confortável. O formato compacto da porta tem a intenção de reforçar que estamos falando de outra proporção/escala, que é a criança.

CONTEÚDO DA PRANCHA:

- Intervenção 4 – Pavilhão abandono e vazio (Itumbiara – Go)
- Conceito
- Desenhos técnicos
- Imagens da proposta

FOLHA:

6/6